LITERATURA DE CORDEL

ANA ROSA



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

INTRODUÇÃO

Falar sobre a Ana Rosa
Me é claro, salutar;
Entre as minhas companheiras,
Foi a quarta a me anelar;
E confesso, foi marcante.
Relacionamento ímpar.

Ímpar, sim, pois a primeira,
Das quatro, branca inata;
Já que a minha preferência
Sempre fora por mulata,
Inclusive a Leide, negra.
Sou racial-democrata.

Também foi ela a primeira
Colega de profissão:
Professora, como eu,
A segurar minha mão;
Mesmo sendo criticada,
Aguentou o rojão.

Rojão por eu ter cinquenta
E ela menos dezenove;
Por já ter três casamentos
Fracassados, que demove.
Ela, autônoma, solteira,
Sem motivo para inove.
Seu próprio pai, eu entendo,
Bem que tentou demover
Sua filha desse intento:
De comigo se envolver;
Mas sua esposa, ao contrário,
O criticou para valer,

Dizendo: “a decisão
É dela, ela quem sabe

Sobre o seu sentimento
Por ele e não lhe cabe
Decidir o que é melhor
Pra ela. Não lhe descabe!”

A partir desse momento
Acabou a discussão,
Até porque, acredito,
Num jantar de união,
A família me aceitou
Com profunda afeição.

Até o pai, Nelson Costa,
De início, receoso;
Com o passar de algum tempo
Se tornou muito amistoso;
Nosso relacionamento
Ficou bem auspicioso.

Bons amigos nos tornamos,
Amizade duradoura;
Pois mesmo divorciado,
Não usou sua tesoura;
Mantendo-se até hoje,
Em postura acolhedora.

HISTÓRICO

O início foi numa escola,
A Embaixador Hurtado,
Em Cordovil, onde eu
Havia há tempos pousado;
Onde História, lecionava,
Já na mesma, ambientado.

Transcorriam cinco anos
Que a docência exercia;
Me sentia à vontade,

Às vezes, com euforia;
Praticava atividades
Que a escola permitia.

Como um grupo de teatro
Que passei a organizar,
Para peças que escrevia,
Esse grupo encenar;
Agitei a garotada.
Consegui os irmanar.
Com a chegada da Ana,
Na escola incorporada,
Isso então se ampliou
Pois se sentiu motivada;
Afinal em Artes Cênicas
Ela era graduada.

Aí então juntou a fome
Com a vontade de comer;
Pois além de nos unirmos
Para o trabalho prover,
Passamos naturalmente
Um com outro a se envolver.

Durou quase doze meses
Essa aproximação.
Eu tentava acelerar
Mas ela, freio na mão,
Bem meticulosamente,
Deu a nossa direção.

Ela percebera que eu
Era muito impetuoso
E buscou o tempo todo
Um início harmonioso;
Foi deveras importante.
Um namoro primoroso.

Na escola foi bastante
Proveitosa nossa união,
Juntos nós organizamos
Variada atuação
Artístico-pedagógica,
Resolvendo a equação.

O nosso namoro foi
Como disse, primoroso,
Com lembranças e mensagens
De conteúdo glamoroso;
De saídas e passeios.
Ambiente bem gostoso.

Tínhamos nossos momentos
De carinho e de tesão
E que sim, emolduravam
Nossa franca relação.
Fazia planejamento
Para longa duração.

O Cainã e a Mahara,
Filhos de outro casamento,
Muito nos acompanhavam
Pra passeio, pra evento,
Como fôssemos família.
Dela havia engajamento.

Ela preferiu, no entanto,
Continuar a morar
No apartamento que ela
Já conseguira comprar;
Mas nossos fins-de-semana
Serviam para nos juntar.

Às vezes até passava

Um tempo na sua casa,
Nas férias, nos feriados
Pra ficar arrastando asa;
Ou então pra extravasar
O amor que transbordava.

O THÉO
Em dois mil e três, do Théo,
Finalmente engravidou;
Alugamos nova casa,
Que ela, claro, validou.
Afinal, morarmos juntos,
Nunca a incomodou.

Em março, dois mil e quatro,
Dia nove, o Théo nasceu;
Nossa vida tomou um rumo
Onde tudo floresceu.
A família envolvida,
Seu pai rejuvenesceu.
Os primeiros meses foram
De cuidado e atenção;
Mãe e filho exigiam
Uma melhor distinção;
Eu e a ajudante Maria,
Tínhamos essa função.

Com um ano foi pra creche,
Ela voltou a trabalhar;
Por problemas de ambiente
Tivemos que nos mudar.
Ocorreu mais de uma vez,
Até a Senador chegar,

Onde em dois mil e onze
Chegamos a nos casar.
Numa festa em família,

Todo mundo no lugar.
Imaginava, garanto,
Para sempre vai durar.

Acredito, entretanto,
Que na nossa vida, sim,
Já estava programado
Do nosso caso, o fim.
Em dois mil e dezesseis
Concordamos, outrossim

Que estávamos olhando
Para lados diferentes,
Não por ter outra pessoa,
Mas por modos divergentes,
Desgastou-se a relação.
Tenho culpa. Infelizmente!

Foi uma separação
Dolorosa, mas aceita;
Eu mudei para outra casa,
O Théo sob sua espreita.
O nosso descasamento
Foi postura escorreita.

Hoje a tenho como ex,
Divorciados estamos;
Mas confesso, não esqueço
O tempo que namoramos.
Creio que fomos perfeitos,
Muito bem nos começamos.

O meu respeito por ela
E uma grande amizade
É a herança que eu trago
Guardada com integridade
E acredito a levarei

Por toda a vida; verdade!



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013